

SEMINÁRIO PAISAGEM INDUSTRIAL: EXPERIÊNCIAS E CRUZAMENTO DE OLHARES ENTRE LISBOA E VALPARAÍSO

Coleções, Museus e Sustentabilidade

1 e 2 de junho 2021 | 15h - 18h

[online](#)

As evidências que marcam uma paisagem industrial permitem conhecer-nos diferentes ciclos de desenvolvimento. Ao identificar, mapear, caracterizar e relacionar vestígios industriais encontramos uma complexa malha de interpretações que determinam um território. Assim, o objetivo deste Seminário é criar um espaço de debate a partir de diferentes casos, entre Portugal e o Chile, da História, a Arquitetura, passando pela Antropologia e Sociologia, em torno das questões: como é que a Indústria marca a paisagem? Em que medida os vestígios industriais condicionam um território? É neste contexto que surge o **Seminário Internacional Paisagem Industrial: experiências e cruzamento de olhares entre Lisboa e Valparaíso** organizado em conjunto pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e pela Universidade de Valparaíso.

Na sessão de dezembro de 2020 passado as comunicações centraram-se nas questões da memória coletiva e da organização das cidades industriais segundo perspetivas arquitetónicas e históricas.

Nesta sessão os trabalhos apresentados têm como enfoque as **coleções, os museus e a sustentabilidade**. Serão apresentados e debatidos estudos de caso de processos sociais e culturais, que a partir de diferentes suportes materiais (entendidos como pretextos) abordam: lotes urbanos, bairros históricos, diálogos entre museus e comunidades, paisagens industriais, antigas fábricas e jardins urbanos.

1.junho

15h-16h15

Los ascensores de Valparaíso como revitalizadores de la trama urbana y generadores de barrios dentro del Sítio de patrimonio mundial. Paulina Kaplán Depolo

Resumen

Valparaíso, declarado Patrimonio de la Humanidad en el año 2003 por la UNESCO y reconocido como el Área Histórica de la ciudad Puerto de Valparaíso, corresponde a un conjunto de edificios, dentro de una ciudad en desarrollo. En la nominación se distinguen a su vez cinco sectores de diverso carácter, que conjuntamente son representativas de una ciudad cuyo carácter esencial está dado por dos factores interrelacionados entre sí. Por una parte, ser el principal Puerto del Cono Sur a fines del siglo XIX y principios del XX y el segundo factor por su

arquitectura, urbanismo e infraestrutura, factores que se expresan tanto en estilos arquitectónicos como en formas urbanísticas, métodos constructivos y medios de transporte urbano, entre ellos los ascensores declarados Monumentos Históricos dentro de la legislación Nacional Chilena. Este sello del siglo XIX responde a la condición de una ciudad con un gran legado de la era industrial y de la globalización temprana, con sus intercambios comerciales y los avances tecnológicos. Por otra parte, el carácter de la ciudad está marcado por el sello que le imprime su peculiar geografía y topografía, que impuso condicionantes excepcionalmente fuertes a su desarrollo, las que sus habitantes supieron asumir con gran creatividad. Ambos sellos – el geográfico y el histórico - no actuaron aisladamente entre sí; se fundieron, se combinaron operando conjuntamente para crear una ciudad única, que dado su devenir histórico ha conservado su autenticidad e integridad. Por ello la relevancia de la construcción de los ascensores que hicieron posible el desplazamiento entre Plan y Cerro logrando dar respuesta a esa peculiaridad que hoy tiene Valparaíso. Actualmente los ascensores forman parte del patrimonio industrial de Chile y son parte integrante del tejido urbano de la ciudad, por ello su puesta en valor supone la revitalización del barrio en el cual están insertos.

Paulina Kaplán Depolo. Arquitecto. Especialista en Conservación y Restauración arquitectónica. Postgrados de Patrimonio en la Universidad de Chile, Universidad Politécnica de Cataluña (España), Universidad de Lund (Suecia) y la Universidad de Ferrara (Italia).

Museus e Sustentabilidade. Marta Lourenço

Os museus têm obrigação de, a partir das suas coleções e do seu âmbito, proporcionar espaços de diálogo e reflexão sobre as grandes questões da sociedade que preocupam os cidadãos. Talvez a mais importante dessas questões seja a crise climática, que interpela os museus não só ao diálogo com o público, mas a novas e urgentes práticas e éticas de sustentabilidade que contribuam para a conservação da bio e geodiversidade, bem como dos recursos do planeta. Nesta comunicação, traçarei em linhas gerais a problemática da sustentabilidade em museus, bem como desenvolvimentos recentes. Argumentarei que os museus de natureza científica têm responsabilidade acrescidas em várias dimensões, incluindo a da comunicação.

Marta C. Lourenço é Diretora do Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa desde 2019. É também Coordenadora Nacional do PRISC (Portuguese Research Infrastructure of Scientific Collections) e Presidente do Comité dos Museus e Coleções Universitárias (UMAC) do Conselho Internacional dos Museus (ICOM).

16h15-16h30 INTERVALO

16h30-18h

Paisagem industrial: a exposição, a comunicação e a interpretação do território em contexto museológico, o Museu Industrial da Baía do Tejo. Ana Paula Clemente Gonçalves

Resumo

No século XX o Barreiro assistiu talvez à sua maior transformação, social e económica, com a chegada do grupo empresarial C.U.F.. O que outrora havia sido uma vila piscatória e de veraneio tornara-se numa referência nacional ligada à indústria química com o maior

aglomerado de fábricas, ocupando cerca de 10% de área do concelho do Barreiro. As alterações foram graduais mantendo este espaço uma atividade ininterrupta até aos dias de hoje, independentemente das suas diferentes dinâmicas. O que resta da indústria ainda é possível observar-se no conjunto de imóveis que fazem parte da paisagem industrial, tanto na atividade económica da empresa gestora do atual Parque Empresarial, como através do património classificado, aqui incluindo os espaços musealizados. O Museu Industrial, inaugurado em 2004, veio contribuir para a afirmação da importância deste território, através da sua exposição permanente, mantendo um elo de ligação ao presente e às atuais dinâmicas do Parque Empresarial. Através do seu público, grande parte antigos trabalhadores da C.U.F. e/ ou Quimigal, temos diferentes olhares e interpretações do que foi o complexo industrial, evocando o conceito da memória. Pela complexa história deste território, e das suas transformações ao longo de todo o século XX, o que se pretende com esta comunicação é dar a conhecer a exposição permanente do Museu Industrial da Baía do Tejo enquanto veículo de comunicação para a interpretação do que foi este “lugar”.

Ana Paula Gonçalves. Mestre em Museologia em 2018 pela NOVA FCSH com o trabalho de projeto “Museu Industrial da Baía do Tejo, Barreiro: diagnóstico da exposição permanente e proposta de (re)programação expositiva”. Licenciatura em História da Arte em 2008 pela NOVA FCSH. Técnica de Museologia e Património no Castelo de S. Jorge, EGEAC. Técnica de Museologia - Baía do Tejo S.A desde 2014.

Valparaíso, fragmentos de un pasado industrial. Carlos Lara Aspeé

Resumen

El patrimonio que valoramos hoy en la ciudad de Valparaíso es producto de una gran actividad económica e industrial que la ciudad tuvo al final del siglo XIX y principios del siglo XX y que permitió la instalación de una serie de edificaciones que formaron lo que hoy podría denominarse paisaje urbano de la ciudad.

Los procesos de evolución urbana, que han llevado a esta ciudad a su estado actual, a partir de un sostenido proceso de decadencia, han propiciado una desaparición de ese pasado industrial, dejando sólo algunos restos de ese periodo.

Un acercamiento a estos restos industriales, permitirá una puesta en valor no solamente de ese caso particular, sino de toda la ciudad, por medio del entendimiento de esta, como red tridimensional, más allá de una comprensión por zonificaciones.

Carlos Lara Aspeé. Arquitecto, Universidad de Valparaíso. Doctor Arquitecto, Universidad Politécnica de Madrid. Profesor Titular de Escuela de Arquitectura. Vicerrector de Vinculación con el Medio.

2.junho

15h-16h15

Do reconhecimento patrimonial da fábrica à constituição de uma colecção em processo museal: o património da Fábrica de Pólvora de Vale de Milhaços (2001-2021). Graça Filipe

Resumo

Com o fim do ciclo industrial da Fábrica de Pólvora de Vale de Milhaços (1896-2002), no final do século XX verificou-se uma acção relativamente concertada entre os seus proprietários e o Município do Seixal tendo por duplo objectivo o reconhecimento patrimonial e a sua valorização em prol do desenvolvimento do território. Analisando os aspectos principais desse percurso e do processo museal em que foi formalmente enquadrado, entre 2001 e 2021, sintetizaremos a estratégia e a programação delineadas, associadas ao Ecomuseu Municipal do Seixal, assim como a metodologia de preservação e salvaguarda, para o que pretendemos finalmente evidenciar como alguns resultados susceptíveis de avaliação e comparação com outras experiências similares, em termos de política de colecção.

Graça Filipe. Museóloga, investigadora integrada do História, Territórios e Comunidades – pólo do CEF-UC na NOVA FCSH. Docente do mestrado em Museologia da NOVA FCSH e técnica superior da Câmara Municipal do Seixal (Ecomuseu Municipal).

Paisajes post industriales, una mirada académica. Cristian Rojas Cabezas

Resumen

Los cambios en la matriz energética y productiva, las sucesivas crisis económicas, los procesos de globalización y los avances tecnológicos del último tiempo han ido dejando como huellas una serie de paisajes que podríamos denominar postindustriales. Tiempo atrás podía verse en estos mismos paisajes actividad, productividad y llegaron a constituir una imagen de futuro compartida por la sociedad. Hoy esos mismos paisajes aparecen como lugares abandonados, vaciados de la funcionalidad que les dio vida y permanecen al margen de la vida urbana constituyendo una especie de heterotopía de la realidad. Se expone en esta presentación una mirada académica que pretende mostrar otros valores en aquellos espacios obsoletos, sumando al valor patrimonial inherente a cada uno de esos lugares otros valores presentes en tanto espacios liberados de las demandas del uso y la productividad; valores que podríamos entender también como otra forma de patrimonio que sería bueno considerar cuando se piense en la reconversión de estos lugares.

Cristian Rojas Cabezas. Arquitecto. Magíster en Desarrollo Regional y Medio Ambiente. Académico de la Escuela de Arquitectura de la Universidad de Valparaíso [EAUV]. Director del Centro de Estudios del Paisaje de la EAUV.

16h15-16h30 INTERVALO

16h30-18h

Jardins Botânicos: história, coleções e sustentabilidade. António Carmo Gouveia

Resumo

Os jardins botânicos constituem uma rede global de mais de 1700 instituições, que atraem centenas de milhões de visitantes anualmente, promovendo atividades de investigação e conservação a par da educação no domínio da biodiversidade, dos desafios colocados pelas alterações climáticas, ou sobre o uso sustentável dos recursos biológicos. Pela sua diversidade enquanto espaços multifacetados de património natural e cultural, as suas coleções vivas e dados biológicos associados, e saber especializado dos seus recursos humanos, os jardins botânicos são instituições privilegiadas para promover práticas sustentáveis e divulgar a sua importância junto dos vários sectores da sociedade. Estes vários pontos serão abordados a partir de iniciativas dos jardins botânicos portugueses ligados à sustentabilidade, de atividades de disponibilização de dados biológicos e documentos históricos e de projectos de ciência cidadã.

António Carmo Gouveia é doutorado em biologia e investigador do Centro de Ecologia Funcional da Universidade de Coimbra. Foi diretor do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra e do Parque da Fundação de Serralves. Colabora com a Cátedra UNESCO em Biodiversidade e Conservação para o Desenvolvimento Sustentável.

Museo de Artes Decorativas de Viña del Mar (Chile). Ruptura y continuidad: el patrimonio cultural como espejo de las dinámicas urbanas y sociales. Patricio Zamora Navia

Resumen

El Palacio Rioja alberga el Museo de Artes Decorativas. Continuando la tradición de muchos museos chilenos, la edificación presenta un estilo ecléctico lo que se nutre con sus objetos que definen un período histórico y un habitus burgués de una familia de fines del siglo XIX. De hecho, el palacio se vincula con dos familias, los Vergara y los Rioja. Ambas vinculadas a un incipiente proceso industrial que definirá la fisonomía de la ciudad, tanto en su centro como en su periferia. El Rioja es uno de los museos de Artes Decorativas más importantes de Chile. Frente a este palacio-museo, creemos lícito preguntarnos: ¿qué es hoy la tradición y la modernidad en museología?. Sin duda el tiempo histórico y su percepción están marcados, en cierta medida, por cómo los museos y la museología ordenan esta temporalidad. ¿Un museo debiera estar definido por el contrapunto tradicional/moderno? ¿Es posible romper el canon del museo que engarza su relato en una línea de tiempo orientada hacia el progreso y el discurso del industrialismo?

Patricio Zamora Navia. Doctor en Historia y Magister en Historia del Arte por la Pontificia Universidad Católica de Valparaíso. Autor de artículos y libros referidos a la Historia Cultural de Occidente, en particular los fenómenos asociados al poder y sus representaciones: *De Reinas y Plebeyas. Mujeres en la Historia*, (2014) y *Europa en América, Historias conectadas. Aproximaciones a una Historia Global del Mundo Moderno* (2014). Profesor Investigador invitado de la Universidad Autónoma de Madrid. Coordinador Nodo Chileno de la Red Internacional COLUMNARIA. Académico UMCE y Universidad de Valparaíso.